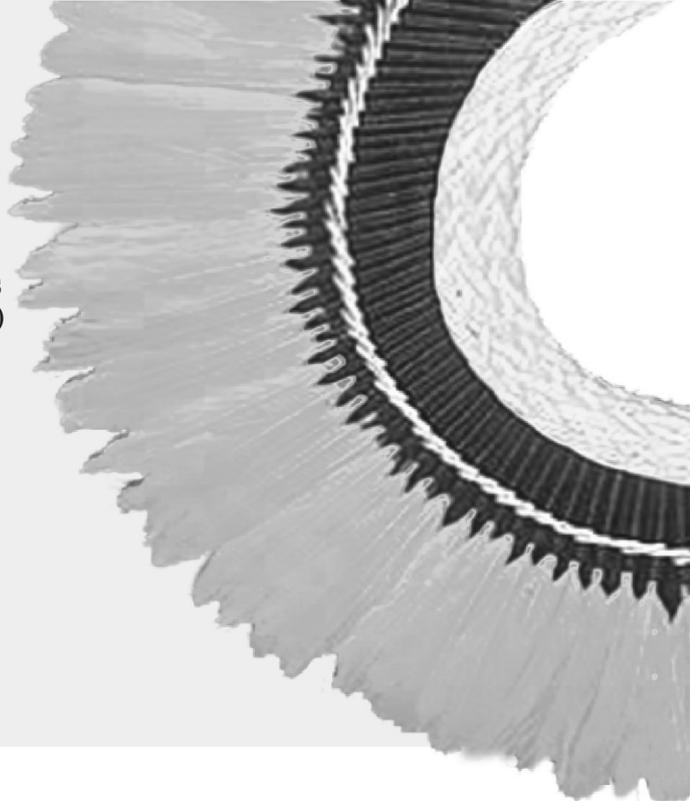


UM “CONTRABANDISTA” DOS SABERES A “SMUGGLER” OF KNOWLEDGE

Hiran de Moura Possas
Universidade da Amazônia (UNAMA)



MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho - 2ª ed - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

Para o Prof. José Guilherme Castro, cursar mestrado é uma experiência antropofágica, em que o cardápio é multivariado.

Mesmo neste constante labor oswaldiano, um sabor incomum sobressaiu-se sobre os demais: Os sete saberes necessários à educação do futuro de Edgar Morin, um “contrabandista dos saberes”¹, ora sociólogo, antropólogo ou filósofo. Um cidadão, na ótica de Stuart Hall², traduzido, desenvolvendo um manancial de estudos convergentes na epistemologia da complexidade.

O pensamento complexo crê no reencontro das culturas científicas com as culturas humanísticas e na incompletude e no inacabamento destes saberes. Ele é radicalmente um crítico à racionalidade pautada em verdades absolutas.

Longe de defender um clichê, Morin, movido por “vários demônios”³, vê na reforma educacional a concretização do ideal Freiriano de uma sociedade mais justa e igualitária. Na obra em questão, não oferece receitas falíveis, mas sim problematizações esquecidas e ignoradas.

¹Quando indagado sobre a expressão, Morin diz que transita livremente pelo fragmentado pensamento humano.

²O teórico vê o homem da modernidade tardia como um ser híbrido e fronteiro.

³A expressão é inspirada na obra: MORIN, Edgar. *Meus Demônios*. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1997.

O conhecimento é o primeiro saber problematizado. Na escola, ele se restringe às visões abreviadas da vida, quando não simples traduções da realidade. Uma percepção ou uma experiência subjetiva é, portanto, passível de imperfeições.

Os paradigmas científicos não são excluídos deste pensamento, até porque os magnos problemas da humanidade não podem ser tratados e explicados exclusivamente pelos cientistas. Existe, na ótica do teórico, uma zona invisível em cada paradigma, o que atesta sua instabilidade epistemológica. O que dizer do caráter axiomático na determinação de conceitos, como os binarismos hierarquizadores: pobre X rico; urbano X ribeirinho; alma X corpo.

Tais dicotomias soberanas precisam ser revistas, pois na tentativa de elucidar e revelar, podem ocultar e cegar fazendo-nos confundir o mapa do terreno. Na ótica de Morin, um *imprinting*⁴ cultural sempre quer se estabelecer, causando certo conformismo cognitivo ou uma domesticação de nossas ações.

Interrogar e problematizar as verdades é abrir caminho para metapontos de vista, permitindo o desabrochar do pensamento complexo:

Quanto sofrimento e desorientações foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana, e de maneira aterradora no século XX. Por isso, o problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica.

⁴“Imprinting” é o termo proposto por Konrad Lorenz, para dar conta da marca indelével imposta pelas primeiras experiências do animal recém nascido. O “imprinting” cultural marca os humanos desde o nascimento, primeiro com o elo da cultura familiar; depois da cultura da escola, prosseguindo pela universidade e na vida profissional.

Para que haja um progresso de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem ser brinquedos inconscientes não só de suas idéias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez (MORIN, 2000).

Em um mundo de progressos científicos dispersos ou desconectados, Morin tece considerações sobre a segunda problematização da obra: o conhecimento pertinente.

Articular e reorganizar o pensamento científico é fazer do pensamento disciplinar multidimensional, pois deve ser prioritário ligar as partes ao todo e o todo às partes.

Uma reforma educacional não é simplesmente, como muitos pensam, de caráter programático, mas sim paradigmático, porque inclusive o global e o local precisam ser articulados, principalmente, tratando-se da conjunção da racionalidade sistemática como as humanísticas: a paixão, o temor, o medo e o pânico, dentre outros.

Essa dissociação de saberes é levantada por Morin com o seguinte questionamento filosófico: Por que nossos cientistas políticos ainda não levaram em consideração o medo como fator decisivo nas relações econômicas, principalmente quanto ao consumo?

A terceira problematização abordada é para muitos teóricos um terreno movediço⁵: a questão identitária transita por inúmeras ciências, sejam elas formais ou informais, suscitando mais dúvidas do que certezas.

Somos, na ótica do teórico francês, uma criatura ao mesmo tempo biológica e cultural. Choram, nos apaixonamos como qualquer outro, mas nos diversificamos na medida em que cada homem cultural mantém uma negociação cotidiana, ímpar com a vida.

Com a Literatura, Morin ilustra metaforicamente a complexidade identitária humana quando nos define como criaturas prosaicas e poéticas. Prosaicas, no sentido de que fazemos parte de uma narrativa consensual em que tradição é confundida com um passado nostálgico. Poéticos somos, na medida em que negamos definições identitárias pautadas em traços étnicos ou mumificações culturais. Negro e indígena não se restringem a simples artefato do discurso colonial. Alguns exemplos dessa desobediência, encontramos na poética

de raízes africanas, através de Morrison⁶, renegando as representações ou deformações históricas contidas no discurso dos colonizadores.

Morin, em alguns momentos, parece referir-se, na sustentação de suas ideias, às teorias da mestiçagem, vendo a humanidade como uma criatura híbrida, inacabada, fronteira e transnacional, ainda que estes exemplos de sincretismos não sejam vistos como o encerramento das discussões sobre identidade. Ao contrário, por mais que identidade não seja uma questão de pele, relativizá-la pode ser uma nova forma de dominação.

Num cenário paradoxal, apesar das aproximações impostas pela mundialização, somos criaturas cada vez mais intolerantes. Morin problematiza, como quarta temática, a incompreensão. Somos cada vez mais indiferentes ao outro e aos seus saberes, principalmente no ambiente escolar.

Compreender é sofrer junto e a Escola precisa se sensibilizar e promover a tolerância. Somente assim, para Morin, questões de ordem planetária poderão ser tratadas conjuntamente, como: as ecológicas, as nucleares.

As escolas são promotoras do quinto alvo de críticas da obra: a certeza.

Na verdade, travestida de certeza, a incerteza é um dos maiores desafios da humanidade. Não podemos dizer como será o futuro, pois tudo escapa aos nossos desejos e às nossas intenções.

Não estamos preparados para o inesperado, porém a Escola deve ser sensível à Ecologia da ação, um trabalho com situações imprevistas, como bem prevê Eurípedes⁷: “os deuses criam-nos muitas surpresas: o esperado não se cumpre, e ao inesperado um deus abre o caminho”.

A globalização, mote preferido na fala da grande mídia, nos é apresentada como um fenômeno recente, contudo, Morin desmistifica essa ideia nos mostrando que as interações culturais foram intensificadas nos oceanos, com as grandes navegações do século XVI.

Desse modo, a sexta abordagem dá trato a nossa condição planetária, visto que nossos destinos são comuns, assim como nossos problemas. Tudo está imbricado.

Os problemas da humanidade estão de tal forma “amarrados” que não há mais espaço para visões e espíritos redutores, como os pensamentos

⁵ Falar sobre identidade é deparar-se com múltiplos pontos de vista.

⁶ Escritora americana ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura em 1993.

⁷ Autor do maior número de peças trágicas da Grécia chegadas até nós.

etnocêntricos e sociocêntricos.

Visões xenófobas distanciam a Educação do futuro e de seu maior desafio: promover compreensões mútuas e a construção de uma mentalidade planetária.

É preciso rever a ética humana. Com essas palavras, é promovida a sétima discussão, nos direcionado a uma reflexão sobre nossas atitudes pessoais e sociais. Será que somos responsáveis e solidários o suficiente?

Uma ética planetária nasce de uma ética individual - Juntas numa confederação de ideias. Morin crê na concretização de reformas necessárias para o enfrentamento dos conflitos mundiais.

Já a democracia é o solo fértil para o exercício ético, mesmo todos sabendo que não existe uma democracia absoluta. Será sempre incompleta, mas o suficiente para promover ações mais sensíveis aos que vivem em condição de invisibilidade social.

Ainda em construção, o método proposto por Edgar Morin não nos oferece uma listagem de mandamentos, mas nos incita a diluir a distinção entre áreas disciplinares e domínios cognoscíveis, permitindo um diálogo franco, aberto e crítico entre eles.

Para empreender esse fazer transversal, Morin nos incita a abrir mão de nossa confortável formação disciplinar, para penetrarmos em territórios desconhecidos e polifônicos, mas providos de epistemologia complexa, caracterizada pelas inúmeras ressignificações e amplitudes conceituais, que, sem dúvida, nos farão reconstruir o social de forma mais justa e igualitária, enfrentando os desafios anunciados neste início de século

Sua insistência no investimento prioritário na Educação não é à toa. Morin crê nela e em nós Educadores. Uma de suas abordagens mais interessantes é sua lição Freiriana de humildade. Ele não deseja ser colocado num pedestal, nem quer ser cultuado: “Faço um esforço constante [...] para não me por num pedestal [...] porque a estátua exterior, a que se mostra aos outros, vem da estátua interior, daquela que inconscientemente, se esculpe para si”.⁸

Os sentimentos de incompletude de Morin, abordados numa cosmologia de ideias, vêm, neste momento, preenchendo os meus, e me embriagando de esperança e de motivação na jornada hercúlea do magistério e no desgastante, mas

prazeroso diálogo que mantenho com meu objeto de pesquisa.

O sabor de **Os Setes Saberes Necessários à Educação do Futuro** é indescritível. O resíduo da digestão é este olhar. Fica aos futuros leitores, sem dúvida, um farto e prazeroso banquete do manancial de obras que retratam a epistemologia da complexidade.

Um olhar mais atento é necessário à vasta obra do teórico. Poderá ele desvelar, por exemplo, a intencionalidade Moriniana ao utilizar o número sete no título da obra aqui estudada? Não esqueçamos que o sete é cabalístico e polissêmico, dizem os dicionários de símbolos...

Hiran de Moura Possas

Especialista em Teoria Literária (UFPA); aluno do curso de Mestrado em comunicação, linguagens e cultura da UNAMA (Universidade da Amazônia). Docente da Secretaria de Educação do Pará (SE-DUC) e da Secretaria municipal de Ananindeua.

Recebido em 29/09/ 2010

Aprovado para publicação em 19/11/2010

⁸MORIN, Edgar. *Meus Demônios*. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1997.

